

Conhecimento Local de Viminicultores do Planalto Sul Catarinense: Potencialidades para o Desenvolvimento de Sistemas Agroflorestais

*Local Knowledge of Willow Growers at "Planalto Sul Catarinense" Brazil: Possibilities for
Developing of Agroforestry Systems*

MEA, Luiz Gustavo Della. Centro de Ciências Agroveterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina –CAV/UEDESC, Bolsista CAPES. luizgustavodellamea@gmail.com; BOFF, Pedro. Pesquisador da Estação Experimental de Lages - EPAGRI, SC. pboff@epagri.sc.gov.br. Pesq. Pq - CNPq; BOFF, Mari Inês Carissimi. Professora do CAV/UEDESC. a2micb@cav.udesc.com.br;

Resumo

Embora praticada em áreas de preservação permanente (APPs) a viminicultura em Santa Catarina destaca-se pela absorção da mão-de-obra familiar e geração de renda. Este trabalho teve por objetivo realizar estudo etnobotânico junto à viminicultores que possam auxiliar no desenvolvimento de Sistemas Agroflorestais (SAFs), assim permitindo a adequação legal das APPs. Durante os meses de janeiro a julho de 2009 foram realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas com viminicultores residentes nas comunidades típicas de cultivo do vime. O estudo abordou aspectos sobre o cultivo do vime, saúde da família e da diversidade vegetal local. Exemplares da vegetação típica dos vimais foram fotografados ou coletados e herborizados para a identificação. O estudo mostrou que os viminicultores entrevistados estão dispostos à manutenção e harmonização dos vimais como SAFs, dando preferência a espécies frutíferas nativas, desde que localizadas no entorno dos vimais.

Palavras-chave: *Salix*, agricultura familiar, SAF's, agroecologia.

Abstract

Nevertheless willow crops are growing in humidity soils mostly located in permanent legal areas in Santa Catarina State, Brazil, is typically familiar labor, which providing the main income to small families. This work aimed to do a ethnobotanical study with the willow growers that may help to developing of agroforestry systems and it allows the adequacy of permanent areas legal. Studies were carried out from January to July of 2009. It was performed 10 semi-structured interviews applied to willow growers in communities typically willow growing. The study deals with willow crops, family health and local plant diversity. Plant specimens from willows field were photographed or collected for the studies identification. The study showed that willow growers are sensible the harmonization of willow crop as agroforestry with preference to native fruit species, that could be located in the around of willow cropped areas.

Keywords: *Salix*, familiar farms, AFS, Agroecology.

Introdução

O vime no Planalto Sul Catarinense abastece 80% da demanda nacional de varas para o artesanato. A cultura do vime (*Salix* spp.), além de ter importância ecológica como fitorremediador (retirando metais pesados da água) e também na bio-engenharia (evita a erosão das margens dos rios), tem importância sócio-econômica para a manutenção de muitas pequenas propriedades familiares rurais, com intenso emprego de mão-de-obra familiar (EPAGRI, 2006).

Os vimeiros ocupam áreas com alta disponibilidade de água e quase sempre localizadas em áreas de preservação permanente (APPs) como margens dos rios, córregos e banhados. Essas áreas são protegidas pelo Código Florestal Brasileiro (Lei Federal 4771/1965) pelo uso na forma agricultável. Com base nas últimas discussões do Conselho Nacional de Meio Ambiente

Resumos do VI CBA e II CLAA

(CONAMA), faz-se necessário à formação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), em pequena propriedade rural familiar, para o uso sustentável das APPs (CONAMA, 2006).

Os SAFs permitem que o meio rural possa obter ganhos ambientais, sócio-culturais e econômicos, cumprindo a função social da propriedade, dado a conciliação de tais sistemas terem em sua composição florística combinadas espécies nativas para fim de alimento, fibras e bioenergia. No entanto, para propor um SAFs que contemple a vimeicultura, é preciso entender questões relativas ao uso dos recursos vegetais e, para tal investigação, a etnobotânica faz-se necessária.

Este trabalho teve o objetivo de estudar e propor sistemas diversificados em base agroecológica através do estudo etnobotânico junto à vimeicultores do Planalto Sul Catarinense, resgatando o conhecimento sobre a flora local, seus diferentes usos e potencialidades para comporem os SAFs.

Metodologia

Este estudo realizou-se junto a agricultores familiares dos municípios de Bocaina do Sul, Paineira e Rio Rufino, que integram a região do Planalto Sul Catarinense, onde predomina a atividade da vimeicultura. Através de entrevistas domiciliares, com o uso de questionário semi-estruturado, foram abordados aspectos sobre o cultivo vime, sobre a saúde da família e sobre os recursos vegetais locais.

Os agricultores visitados foram aqueles indicados pelo extensionista rural da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), atuante no município em que residiam os entrevistados. Posteriormente, cada entrevistado indicava outro entrevistado que pudesse colaborar para a continuidade do estudo compondo assim chamada técnica de "bola de neve" (SILVANO, 2001). Após o contato preliminar com o entrevistado, os propósitos da pesquisa eram explicados e quando aceitos era realizada a entrevista. Alguns exemplares vegetais foram coletados e herborizados, também registrados em fotografia, para que se fizesse a identificação através da utilização de literatura pertinente.

Resultados e Discussões

Dos dez agricultores entrevistados sete possuem nível de instrução de segundo grau completo enquanto que os demais não completaram o ensino fundamental. Todos são naturais das comunidades em que residem no meio rural e possuem família formada. Apenas dois agricultores não são proprietários da terra em que trabalham, são arrendatários. O cultivo do vime é a principal atividade e fonte de renda para nove dos dez agricultores entrevistados. Este resultado confirma as informações de Rech (2006) de que vimeicultura tem um grande papel para a manutenção da agricultura familiar no meio rural do Planalto Sul Catarinense evitando o êxodo para o meio urbano.

O estudo mostrou que os vimais em áreas de APPs possuem dimensões na média de 2 hectares. Esta característica de vimais em pequenas áreas e nas APPs é marcante nas propriedades visitadas, até mesmo pela iniciativa da assistência técnica em recomendar o uso de áreas pequenas e com boa disponibilidade de umidade (EPAGRI, 2006), contrastando com áreas de outros cultivos agrícolas que ocupam maiores extensões de terra.

Outro fato observado foi o de que o cultivo do vime é realizado em monocultivo devido à crença de que o vimeiro não suportaria a competição por nutrientes, água e luminosidade com outras espécies. Isto faz com que a limpeza dos vimais nas entrelinhas de plantio seja intensa. A retirada freqüente da vegetação espontânea entre os cultivos de importância econômica impede o avanço

Resumos do VI CBA e II CLAA

da sucessão vegetal, o que implica na diminuição das interações ecológicas (VIVAN, 2008). O relato empírico de que o vime não suporta a sombra de outras espécies é unânime entre os entrevistados, assim como a menção da necessidade de pesquisas relacionadas ao desenvolvimento, manejo e rendimento final de varas de vime sujeitas ao consórcio com outras espécies vegetais.

Cinquenta por cento dos entrevistados informaram que utilizaram herbicidas, mas devido ao pouco retorno não utilizam mais, entretanto utilizam formicidas quando necessário. Os demais entrevistados informaram que não utilizam agrotóxicos e adubos químicos por receio de que aumente os custos de produção ou que sejam prejudiciais ao meio ambiente. Noventa por cento dos agricultores informaram que utilizam adubos químicos sintéticos somente na implantação de um novo vimal. Arruda (2001) afirma que o vime é uma cultura ecologicamente correta.

A biodiversidade vegetal local é pouco explorada (tabela 1). Alguns entrevistados utilizam-se dela para consumo próprio. Apenas um agricultor, no município de Paineira, tem renda extra com a venda de pinhão, folhas da erva-mate e vime. Todos informaram que adquirem as frutas para o consumo próprio no supermercado. Todos os entrevistados mostraram conhecer bem as espécies com propriedades medicinais, porém não as utilizam preferindo tratar as enfermidades dos familiares com remédios adquiridos na farmácia ou no posto de saúde. Estes dados reforçam o incentivo ao plantio de espécies arbóreas frutíferas, medicinais ou frutífera-medicinal, no intuito de diversificar a propriedade e minimizar os custos com aquisição de frutas e remédios.

TABELA 1. Espécies vegetais nativas mencionadas pelos agricultores entrevistados e respectivos usos das diferentes espécies de plantas, Planalto Sul Catarinense, 2009.

Nome comum	Nome científico	Porte *	Medicinal	Frutífera	Outra**
amoreira	<i>Morus nigra</i>	A		X	
araçá	<i>Psidium cattleianum</i>	A		X	
araucária	<i>Araucaria angustifolia</i>	A			X
bracatinga	<i>Mimosa scabrella</i>	A			X
cambará	<i>Gochnatia polymorpha</i>	A	X		X
casca de anta	<i>Drymis winteria</i>	A	X		
capim-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i>	H	X		
corticeira	<i>Rollinia rugulosa</i>	A	X		
erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i>	H			X
espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	H	X		
feijoa	<i>Acca sellowiana</i>	A	X	X	
guamirim	<i>Eugenia cereja</i>	A			X
guavirova	<i>C. xanthocarpa</i>	A		X	
hortelã	<i>Mentha sp.</i>	H	X		
ingá	<i>Inga sp.</i>	A		X	
milhomem	<i>Aristolochia cymbifera</i>	T	X		
pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>	A	X	X	
sete capotes	<i>Britoa sellowiana</i>	A		X	
uvaia	<i>Eugenia pyriformis</i>	A		X	

*A) arbóreo; H) herbáceo; T) trepadeira

** maderável; de extrativismo; ornamental.

Todos os agricultores entrevistados mostraram-se preocupados com a conservação dos recursos naturais, conhecem o termo APPs e sua importância e implicações legais. Quando questionados sobre o conhecimento de SAFs, apenas um entrevistado mostrou saber sobre o assunto, e quando explicado o conceito do termo SAFs todos entrevistados se dispuseram a sua implantação, desde que respaldados pela pesquisa técnica-científica.

Sobre a proposta da implantação de SAFs foi unânime a resposta de que a melhor forma seria

Resumos do VI CBA e II CLAA

aquela de cultivar as espécies nativas nas bordaduras dos vimais. Apontaram também para o desenvolvimento de SAFs no modelo que aporte o plantio de espécies arbóreas frutíferas, onde seria possível renda extra com a comercialização de frutas, subprodutos ou consumo próprio.

Conclusões

A vimicultura tem papel fundamental na renda e manutenção do meio rural familiar dos entrevistados. A maioria das APPs contem o cultivo do vime. Assim sendo, faz-se necessário estudos de implantação de SAFs e o uso da biodiversidade local, dando prioridade a composição com espécies arbóreas frutíferas nativas cultivadas no entorno das áreas cultivadas com vime.

Agradecimentos

Apoio MCT/CNPq/CT_HIDRO e FAPESC através do projeto FUNJAB/FAPESC Conv. 15915/2007-8.

Referências

ARRUDA, A.E.A. *Importância Econômica da Cultura do Vime para a Agricultura Familiar de Rio Rufino*. Dissertação (Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável). Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, São Joaquim, 2001. 39p.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – CONAMA. *Resolução CONAMA número 369, Áreas Protegidas – Áreas de Preservação Permanente* [2006]. Disponível em: www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/9/docs/conama_res_cons_2006_369. Acesso em: 8 mai. 2009.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA – Epagri. *Projeto Ordenamento da Cadeia Produtiva do Vime da Serra Catarinense*. Florianópolis, 2006. 40p (Epagri. Sistema de Produção n. 44).

RECH, T.D. *Ramificação e Produtividade do Vimeiro em Diferentes Condições Ambientais e de Manejo no Planalto Sul Catarinense*. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. 149p.

SILVANO, R.A.M. *Etnoecologia e história natural de peixes no atlântico (Ilha dos Búzios, Brasil) e pacífico (Moreton Bay, Austrália)*. Tese (Doutorado em Biologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 190p.

VIVAN, J.L. *Agricultura e Florestas: Princípios de uma Interação Vital*. Editora Guaíba: Agropecuária, 1998. p. 59, 207p.